

ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA NA GRADUAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROFESSOR DE LIBRAS.

Edileuza lima freire

Centro Universitário-INTA/UNINTA

Sobral/CE-BASIL

edileuza_sbc@yahoo.com.br

Léa Barbosa

Resumo

O ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua (L2) na graduação constitui-se como um importante avanço no processo de consolidação da educação inclusiva no Brasil, especialmente após sua obrigatoriedade nos cursos de formação de professores. Este artigo tem como objetivo discutir os principais desafios e perspectivas enfrentados pelo professor de Libras no contexto do ensino superior, a partir de uma abordagem teórica e bibliográfica. A reflexão fundamenta-se em autores que discutem educação de surdos, bilinguismo, políticas linguísticas e formação docente, bem como em documentos legais que regulamentam o ensino de Libras. Os desafios analisados incluem a heterogeneidade das turmas, a carga horária reduzida, a escassez de materiais didáticos específicos e a necessidade de reconhecimento do professor de Libras como profissional da educação. Como perspectivas, destacam-se a valorização da Libras como língua, o fortalecimento da formação pedagógica do docente e a ampliação de práticas didáticas que considerem a visualidade e a cultura surda. Conclui-se que o ensino de Libras na graduação demanda investimentos institucionais e pedagógicos para que cumpra efetivamente seu papel formativo e inclusivo.

Palavras-chave: Libras; Ensino Superior; Educação Inclusiva; Professor de Libras; Língua de Sinais.

Sobral- CE

2026

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Introdução

A consolidação da educação inclusiva no Brasil tem provocado transformações significativas nos sistemas educacionais, especialmente no que se refere ao reconhecimento das especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Nesse cenário, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) assume papel central como língua de instrução, comunicação e expressão, sendo reconhecida legalmente pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. Esses dispositivos legais representam marcos importantes na garantia dos direitos linguísticos das pessoas surdas e na promoção de uma educação mais equitativa.

No âmbito do ensino superior, a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores e de Fonoaudiologia configura-se como uma estratégia fundamental para a construção de práticas pedagógicas inclusivas. A presença da Libras na graduação busca não apenas atender a uma exigência legal, mas também sensibilizar futuros profissionais para a diversidade linguística, contribuindo para a formação de educadores mais preparados para atuar em contextos educacionais inclusivos.

Entretanto, o ensino de Libras como segunda língua (L2) para estudantes majoritariamente ouvintes apresenta desafios específicos. Trata-se do ensino de uma língua de modalidade visuoespacial, cuja estrutura gramatical, organização discursiva e forma de produção diferem significativamente das línguas orais-auditivas. Essa diferença exige abordagens metodológicas próprias, que valorizem a visualidade, o uso do corpo e do espaço, bem como a compreensão da Libras como uma língua viva, inserida em uma cultura específica.

Nesse contexto, o professor de Libras desempenha um papel fundamental, atuando como mediador linguístico, cultural e pedagógico. Sua atuação vai além do ensino de sinais isolados, envolvendo a apresentação da cultura surda, da identidade linguística e das lutas históricas da comunidade surda por reconhecimento e direitos. Conforme apontam estudos na área da educação de surdos, a compreensão da surdez sob uma perspectiva cultural e

linguística é essencial para romper com visões assistencialistas e medicalizantes ainda presentes no ambiente acadêmico.

Diante dessas considerações, este artigo tem como objetivo discutir os principais desafios e perspectivas do professor de Libras no ensino superior, a partir de uma abordagem teórica e bibliográfica. Busca-se refletir sobre o lugar da Libras na formação acadêmica e sobre a necessidade de fortalecer práticas pedagógicas que contribuam efetivamente para a construção de uma educação superior inclusiva, crítica e comprometida com a diversidade.

Desenvolvimento teórico: o ensino de Libras na graduação e o papel do professor

A discussão sobre o ensino de Libras no ensino superior está intrinsecamente relacionada às concepções de surdez que historicamente orientaram as práticas educacionais. Durante muito tempo, a surdez foi compreendida sob uma perspectiva clínica e deficitária, centrada na ausência da audição e na tentativa de normalização do sujeito surdo. Skliar (1998) critica essa abordagem e propõe a compreensão da surdez como uma diferença linguística e cultural, ressaltando que os surdos constituem uma minoria linguística com identidade própria, cuja língua natural é a Libras.

A partir dessa perspectiva, o ensino de Libras na graduação não pode ser reduzido a um componente curricular meramente instrumental ou técnico. Trata-se de um espaço formativo que deve possibilitar aos estudantes o contato com uma língua de modalidade visuoespacial, bem como com a cultura e a identidade da comunidade surda. Conforme destaca Strobel (2008), a cultura surda é construída a partir das experiências visuais, das práticas sociais e do uso da língua de sinais, elementos que precisam ser considerados nos processos educativos.

Nesse contexto, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a Libras possui estrutura linguística própria, com níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos específicos, o que reforça a necessidade de abordagens pedagógicas adequadas ao ensino de línguas de sinais. O professor de Libras, portanto, deve articular conhecimentos linguísticos e pedagógicos, compreendendo que o ensino dessa língua como L2 exige metodologias que valorizem a visualidade, o uso do espaço e a interação comunicativa.

Além disso, Lodi (2013) ressalta que a inserção da Libras nos cursos de formação docente precisa estar alinhada a uma proposta de educação bilíngue, na qual a língua de sinais seja reconhecida como primeira língua da pessoa surda e a língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua. Ainda que na graduação a Libras seja ensinada majoritariamente a alunos ouvintes, essa perspectiva contribui para a formação de professores mais conscientes sobre as especificidades linguísticas e pedagógicas dos estudantes surdos.

O professor de Libras no ensino superior assume, assim, um papel que ultrapassa o ensino de vocabulário básico ou sinais isolados. Sua atuação envolve a mediação de conhecimentos sobre língua, cultura, identidade e direitos linguísticos, contribuindo para a desconstrução de estigmas e preconceitos ainda presentes no ambiente acadêmico. Skliar (1998) enfatiza que práticas educativas comprometidas com a diferença precisam questionar modelos homogeneizadores e abrir espaço para outras formas de ser, aprender e se comunicar.

Entretanto, diversos desafios permeiam essa atuação docente, como a carga horária reduzida destinada à disciplina, a heterogeneidade das turmas e a falta de materiais didáticos específicos para o ensino de Libras como segunda língua. Quadros (2006) aponta que o tempo limitado de exposição à língua dificulta o desenvolvimento de competências comunicativas mais amplas, tornando necessário que o professor priorize estratégias pedagógicas que favoreçam a compreensão da Libras enquanto língua viva e em uso.

Apesar desses desafios, as perspectivas para o ensino de Libras na graduação são promissoras, especialmente diante do fortalecimento das políticas inclusivas e do reconhecimento crescente da Libras como língua legítima no espaço acadêmico. O investimento na formação continuada do professor de Libras, na produção de materiais pedagógicos acessíveis e na ampliação do diálogo entre teoria e prática pode contribuir significativamente para a consolidação de uma educação superior mais inclusiva e socialmente comprometida.

O ensino de Libras como segunda língua na graduação

O ensino de Libras como L2 na graduação possui características próprias, uma vez que se trata do ensino de uma língua de modalidade visuoespacial para sujeitos, em sua maioria, ouvintes e falantes de uma língua oral-auditiva. Essa diferença estrutural entre as línguas demanda metodologias específicas, que valorizem a visualidade, o uso do corpo, do espaço e das expressões faciais, elementos essenciais da Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Além disso, a Libras não deve ser ensinada apenas como um conjunto de sinais isolados, mas como uma língua plena, com gramática própria, inserida em uma cultura específica. Skliar (1998) destaca que compreender a surdez sob uma perspectiva cultural é fundamental para romper com visões medicalizantes e deficitárias, ainda presentes em muitos contextos educacionais.

Nesse sentido, o professor de Libras assume um papel central na mediação entre língua, cultura surda e formação acadêmica, contribuindo para a construção de uma postura mais inclusiva por parte dos futuros profissionais da educação.

Desafios enfrentados pelo professor de Libras no ensino superior

Entre os principais desafios do ensino de Libras na graduação, destaca-se a heterogeneidade das turmas. Os estudantes apresentam diferentes níveis de motivação, interesse e envolvimento com a disciplina, o que impacta diretamente o processo de ensino e aprendizagem.

Outro desafio recorrente refere-se à carga horária reduzida destinada à disciplina de Libras nos cursos de graduação. Em muitos casos, o tempo disponível não é suficiente para garantir o desenvolvimento mínimo de competências comunicativas na língua, limitando-se a uma abordagem introdutória e, por vezes, superficial.

A escassez de materiais didáticos específicos para o ensino de Libras como L2 também constitui um entrave. Embora haja avanços nos últimos anos, ainda são necessários recursos pedagógicos que articulem teoria, prática e visualidade, respeitando as particularidades da língua de sinais.

Além disso, o reconhecimento institucional do professor de Libras como profissional da educação ainda enfrenta desafios, especialmente no que se refere à valorização de sua formação pedagógica e às condições de trabalho no ensino superior.



Perspectivas para o fortalecimento do ensino de Libras

Apesar dos desafios, o ensino de Libras na graduação apresenta importantes perspectivas. A ampliação do debate sobre inclusão e diversidade no ensino superior tem contribuído para uma maior valorização da Libras e da cultura surda nos espaços acadêmicos.

A formação continuada do professor de Libras surge como um elemento essencial para o aprimoramento das práticas pedagógicas, especialmente no que diz respeito ao ensino de línguas, à didática visual e ao uso de tecnologias educacionais. O desenvolvimento de metodologias ativas e de materiais acessíveis pode favorecer uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Outra perspectiva relevante refere-se ao fortalecimento da Libras como componente curricular que ultrapassa o caráter obrigatório, assumindo um papel formativo crítico, capaz de sensibilizar os estudantes para a construção de uma educação mais justa e inclusiva.

FRPED

Considerações finais

O ensino de Libras como segunda língua na graduação configura-se como um componente fundamental para a efetivação de práticas educacionais inclusivas no ensino superior. Ao longo deste artigo, foi possível evidenciar que a presença da Libras nos cursos de formação docente vai além do cumprimento de uma exigência legal, assumindo papel relevante na sensibilização dos futuros profissionais da educação para as especificidades linguísticas, culturais e pedagógicas da comunidade surda.

A análise teórica apresentada permitiu compreender que o professor de Libras ocupa um lugar estratégico no contexto acadêmico, atuando como mediador entre língua, cultura e formação profissional. Sua atuação demanda não apenas domínio linguístico, mas também formação pedagógica consistente, sensibilidade cultural e capacidade de desenvolver práticas didáticas que valorizem a visualidade, a interação e o respeito à diferença. Nesse sentido, a valorização institucional desse profissional e a ampliação das condições adequadas de trabalho são aspectos indispensáveis para o fortalecimento do ensino de Libras na graduação.

Apesar dos avanços legais e pedagógicos, permanecem desafios que impactam diretamente a qualidade do ensino, como a carga horária reduzida, a heterogeneidade das turmas e a escassez de materiais didáticos específicos para o ensino de Libras como L2. Esses fatores reforçam a necessidade de repensar o lugar da disciplina nos currículos universitários, de modo que a Libras seja compreendida como componente formativo essencial e não apenas complementar.

Como perspectivas futuras, destaca-se a relevância de investigações que abordem a formação inicial e continuada do professor de Libras no ensino superior, analisando suas trajetórias, saberes docentes e práticas pedagógicas. Outro tema que merece aprofundamento refere-se ao uso de tecnologias digitais e recursos visuais no ensino de Libras, considerando o potencial das mídias digitais para ampliar o acesso, a interação e a aprendizagem linguística.

Sugere-se, ainda, o desenvolvimento de estudos que analisem a articulação entre a disciplina de Libras e os demais componentes curriculares dos cursos de formação docente, investigando como essa integração pode contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas nas escolas. Pesquisas sobre a percepção dos estudantes ouvintes em relação à Libras, à surdez e à inclusão também se mostram pertinentes, uma vez que podem revelar avanços e lacunas na formação oferecida pelas instituições de ensino superior.

Por fim, ressalta-se que o fortalecimento do ensino de Libras na graduação representa um compromisso ético, social e educacional com a diversidade linguística e cultural. Investir em políticas institucionais, formação docente e produção de materiais pedagógicos acessíveis é fundamental para que a educação superior cumpra seu papel na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural. O ensino de Libras como segunda língua na graduação constitui um importante avanço no processo de consolidação da educação inclusiva no Brasil. No entanto, para que esse ensino cumpra efetivamente sua função social e pedagógica, é necessário enfrentar desafios relacionados à formação docente, às condições institucionais e às práticas pedagógicas adotadas.

O professor de Libras desempenha um papel fundamental nesse processo, atuando como mediador linguístico, cultural e educacional. Investir na valorização desse profissional, na ampliação da carga horária da disciplina e na produção de materiais didáticos adequados são ações indispensáveis para o fortalecimento do ensino de Libras no ensino superior.

Espera-se que este artigo contribua para a reflexão sobre o papel da Libras na formação acadêmica e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais coerentes com os princípios da educação bilíngue e inclusiva.



REFERÊNCIA

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Educação bilíngue para surdos e inclusão: entre a política e a prática pedagógica**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49–63, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.